



O Jornalismo Paranaense e o Contraste Pagão: um estudo de caso do Diário da Tarde.¹

Tiago RUBINI²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Resumo.

O trabalho analisa material do jornal Diário da Tarde, que circulou em Curitiba de 1899 a 1975. A ênfase do estudo é a sua abordagem do tema religioso. Além do próprio jornal, outros produtos foram utilizados para a confecção deste artigo, como estudos de campo enfatizando a história religiosa brasileira e paranaense, documentos sobre a formação da cidade de Curitiba e reflexões sociológicas, culturais e filosóficas a respeito da vida urbana e da disputa por sentido. A intenção é realizar um estudo crítico consoante com a proposta dos Estudos Culturais, através da análise do habitus curitibano das duas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: jornalismo; Curitiba, identidade; religião; disputa simbólica.

Introdução.

Escolhi como objeto de análise a abordagem que o jornal *Diário da Tarde*, de Curitiba, fez a respeito de supostos casos de feitiçaria que aconteceram na cidade em diversos momentos. O jornal circulou de 1899 a 1951 sob administração independente, e até o seu fechamento, em 1975, foi bancado pela Gazeta do Povo, jornal de maior circulação do Paraná atualmente. Até este momento foi administrado por Estácio Correia e depois por Arthur Obino. O primeiro, fundador do veículo, tinha por objetivo fazer do jornal uma “folha imparcial” que desse conta de descrever com distanciamento as fervorosas disputas políticas da época, ambição que perdurou neste veículo e influenciou o jornalismo paranaense posterior. Ao mesmo tempo, o jornal apresentava notícias e histórias de viés sensacionalista, como as que eram publicadas na seção *Vitrina do Diabo*, cujos protagonistas eram cidadãos e cidadãs locais, que não poucas

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos Interdisciplinares da Comunicação do Intercom Júnior, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno de graduação do departamento de Estudos Culturais e Mídia do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF, tiagorubini@gmail.com.



vezes tiveram seus nomes e endereços residenciais publicados em matérias difamatórias.

Como viés crítico, foi inspiradora a produção de Wilson Borges (2007), que investiga a constituição cultural e simbólica do imaginário carioca em relação a crime, violência e luta de classes através da atuação dos veículos de comunicação naquela localidade. Para tratar da gramática sensacionalista como um processo de mediação cultural, consulte a linha de raciocínio de Ana Enne (2007), complementando a sugestão de Ben Singer (2001) de que no começo do século XX “o sensacionalismo era a contrapartida estética das transformações radicais do espaço, tempo e da indústria”.

Pensando no processo cultural e religioso brasileiro, consulte *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, de Laura Mello e Souza (1995), para situar historicamente a ação difamatória herdada da Inquisição, presente na nossa história desde o período colonial. Os conceitos de *habitus* como a lei formal e informal incorporada, passível de ser reproduzida ou refutada pelos agentes de uma estrutura social estruturante (Bourdieu, 2007) e de capital simbólico como uma licença para a atribuição de sentido (Bourdieu, 1989) foram essenciais para a análise discursiva das reportagens, manchetes e anúncios em questão que afetaram a vida de indivíduos e bairros curitibanos como os conhecemos.

Famosa atualmente pelo desenvolvido sistema de transporte e urbanismo, Curitiba passava por um processo de urbanização e mudanças econômicas na época de circulação do jornal. A exportação da erva mate estava em evolução no Paraná e a exportação de madeira estava num caminho próspero. Enquanto isso, no centro da capital a prefeitura tomava conta de que pravelessem as construções de alvenaria e que se dissipasse a boemia, mesma política aplicada para alguns consultórios de atendimento esotérico. Este processo está detalhado no estudo *Feitiçaria em Curitiba: discurso e cotidiano (1899 a 1945)* de Johnni Langer (1991). A formação cultural deste contexto urbano foi propício para o estabelecimento de certo tipo de identidade e o nascimento de lendas urbanas, superstições e arquétipos regionais. Estilos de vida que diferiam do projeto urbano pensado para a cidade foram considerados abjetos, com base na legislação da época e também nos valores informais daquele contexto propagados pelo Diário.

Não podemos deixar de relevar a forte influência do positivismo na cidade, e o que acarretou à vida dos/as curandeiros/as dela a postura médico-científica. Como



método, o positivismo também foi amplamente aplicado no ofício do jornalista paranaense (Barbosa, 2001).

Esta capital foi fundada por um pequeno povoado de bandeirantes após a emancipação da província do Paraná em 1693, e mais tarde ocupada por imigrantes italianos, poloneses, ucranianos e alemães, o que contribuiu para que a sua formação religiosa viesse a ser prevalentemente cristã e majoritariamente católica apostólica romana. Esta tradição permitiu à Igreja Católica uma penetração significativa no cotidiano das famílias curitibas, vivendo com elas situações de assistência religiosa, doméstica e médica, por exemplo. Nos concentraremos aqui no bairro do Umbará, que teve um processo de urbanização tardio em relação ao centro da cidade (Marchette, 1996) e concentrou alguns dos casos mais visados para efeito de análise deste artigo de pessoas de práticas pagãs ou cristãs.

As reflexões de Stuart Hall e da teoria Queer a respeito da constituição de identidade e práticas performativas, embora sirvam de fundamento principalmente para pensar a pós-modernidade (e para refletir gênero sexual no caso da segunda), foram úteis para a leitura crítica dos objetos deste caso. O primeiro nos lembra que identidade é algo construído por algum tipo de discurso, de maneira contínua e que tem relação direta com o seu contexto histórico, institucional, práticas discursivas e estratégias enunciativas (Hall, 1996). Levamos também em consideração a definição de performatividade proposta por J. L. Austin (1998) e também abordada pela filósofa queer Judith Butler (2008), como o conjunto de proposições linguísticas que atribuem a algo um lugar de efetivação. Um exemplo dado por Tomaz Tadeu da Silva:

“uma sentença como 'João é pouco inteligente', embora pareça ser simplesmente descritiva, pode funcionar – em um sentido mais amplo – como performativa, na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo o 'fato' que supostamente apenas deveria descrevê-lo”. (SILVA, 2005, p.93)

O pensamento de Butler nos ajuda a compreender os mecanismos pelos quais as identidades são passíveis de serem classificadas como socialmente abjetas (Butler, 2004). Através de categorias identitárias de compreensão unânime (como “homem” ou “mulher”, uma pessoa “de família” ou uma pessoa cristã) se criam parâmetros de estabelecimento do “diferente” e do “normal”.

Uma das personagens deste trabalho é Anna Formiga, mulher que residia no bairro de Umbará em Curitiba e que repetidas vezes foi protagonista de notícias do Diário da Tarde. Permaneceu no imaginário curitibano até hoje, como uma bruxa má e



caricata que tinha certa influência na sua comunidade e inimigos célebres na cidade. Num texto informal e descompromissado de um portal literário de internet, por exemplo, Formiga é descrita como uma bruxa de aspecto grotesco que imigrou ilegalmente para o Brasil da Escócia para fugir da acusação de que tinha sacrificado crianças em rituais macabros³. Sobre as bruxas curitibanas, a investigação histórica de Maria Barbosa (2001), diz que “os estereótipos e representações destas mulheres foram: mau-gênio, mulheres cruéis e terríveis e com uma extrema anti-sociabilidade”. Citando Raúl Zaffaroni, Vera Malaguti Batista nos lembra que

“a primeira privatização da segurança aconteceu (...) quando o Estado delegou aos homens adultos o controle das mulheres. Na tentativa de eliminar da cultura os elementos pagãos anárquicos ou disfuncionais, a Inquisição dirigiu suas baterias contra as mulheres perigosas; perigosas porque elementos-chave na transmissão de cultura”. (BATISTA, 2003, p.79)

Com a leitura do que segue deste artigo ficará mais claro, pelo menos em relação à atmosfera simbólica criada pelo jornal, o contexto em que nasceu a imagem de Ana Formiga como uma lenda urbana. Transmitida pela oralidade e registrada em notícias sensacionalistas, a história desta mulher pode ser confortavelmente encaixada no secular estereótipo da bruxa perversa. Isto, muito provavelmente, é um resultado do discurso recorrente do jornal a seu respeito, aplicado ao habitus de uma cidade fortemente católica em processo de disputa política e desenvolvimento urbano.

A seguir, apresento recortes do jornal e comento os seus significados. Passando por uma rápida história do bairro do Umbará, teremos condições de fazer um contraste entre os diferentes tratamentos que receberam as chamadas bruxas, os curandeiros, e outros grupos religiosos da cidade, como os espíritas kardecistas. A intenção é fornecer parâmetros ilustrativos para refletir como as classes sociais se inter-relacionam através de práticas discursivas, e em como as entidades simbólicas chamadas identidades se estabelecem através de consenso, estereótipos e intenções.

Casos do jornal.

³<http://textolivre.com.br/contos/8443-lenda-da-bruxa-ana-formiga-de-curitiba->



Figura 1.⁴

O bairro curitibano Umbará foi abastecido com energia elétrica somente em 1958. Até então, a maioria dos seus moradores trabalhava com a erva-mate, seja no plantio ou na otimização dela para o comércio (Zanon e Brunetti, 1984). A produção da especiaria determinava muito do estilo de vida da vizinhança, composta majoritariamente por imigrantes italianos e poloneses, que começaram a adensar demograficamente a região depois da emancipação da província do Paraná em 1853, que era anexada a São Paulo. Fortemente católicos, eram assistidos por padres e freiras, que, dentre outras coisas, estavam encarregados da educação, do lazer e da integridade física e psicológica da população local. O Padre Cláudio Morelli, por exemplo, paroquiano da Igreja Matriz do Umbará, receitava remédios para os seus fiéis até o advento repentino de sua morte, aos 33 anos de idade, em 1915.

Em 1906, porém, também no bairro do Umbará o curandeiro João Baquiano foi espancado por colonos vizinhos seus, e teve as suas roupas atiradas ao fogo pelos agressores, que acreditavam estar desimpregnando o ambiente de forças demoníacas. Segundo o *Diário da Tarde* de 18 de abril de 1906, Baquiano morava em condições miseráveis quando foi atacado⁵. Tendo em vista o seu ganha-pão, que era o de curar moléstias com mandingas em troca de moedas e comida, ele provavelmente não possuía terras e plantações como muitas pessoas da sua vizinhança. Além do mais, segundo o código penal de 1891, João Baquiano era um fora-da-lei: em relação ao charlatanismo, o artigo 156 fazia uma distinção criminal à prática do ofício de curandeiro (Langer, 1992).

Apesar do jornal em questão não ter falado contra o curandeiro, podemos ver o incidente de Baquiano como parte de um processo histórico iniciado há séculos antes. O Brasil nunca sediou um Tribunal inquisitório, mas o ataque a pessoas suspeitas de ligações com forças sobrenaturais acontece desde a chegada dos colonizadores portugueses. Exemplos são os cartazes colados em locais públicos com nomes de suspeitos de feitiçaria nos primeiros séculos da colônia (Mello e Souza, 1995, p. 296), à moda dos pasquins de que nos fala Cartier. Além do mais, é interessante constatar a

⁴ Cabeçalho da 2193ª edição do Diário da Tarde, 2 de janeiro de 1906.

⁵ Diário da Tarde, Curitiba, 18/04/1906, p.01.

disparidade de reações populares frente à atividade informal de medicina exercido pelo Padre Morelli e o curandeiro Baquiano. O fato citado acima, ainda, está conectado ao processo civilizatório burguês que nuançou fortemente a atividade do *Diário da Tarde*.

Em 25 de setembro de 1901, por exemplo, o jornal exibiu uma nota sobre o incômodo que uma “família de cartomantes” proporcionava à sua vizinhança devido ao barulho que fazia noite adentro. Ao invés de atribuir à agitação uma imersão na boemia, o periódico disse o seguinte:

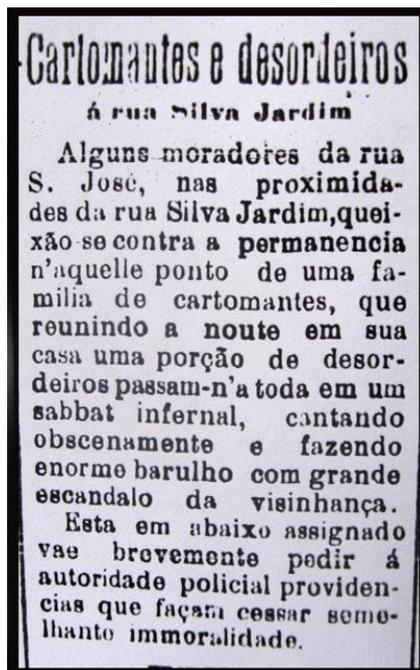


Figura 2^o.

Dois anos antes, o *Diário da Tarde* havia comentado a respeito de Anna Formiga. Como João Baquiano, ela também residia no Umbará, vivia das consultas mágicas que fazia e foi vítima de ataques de populares. Depois de uma nota publicada no jornal em 8 de maio de 1899, ela foi perseguida na rua por pessoas que lhe atiravam pedras e gritavam “Pega! É Anna Formiga, a mulher feiticeira; a mulher do dedo humano seco”, fato reportado com explícita parcialidade no *Diário*³, que a acusava de ter deixado artefatos de bruxaria na casa de uma “respeitável família”.

Apesar de a polícia não ter se envolvido no segundo feitiço de Anna Formiga, o jornal disse que “Não seria mau que a polícia deligeneiasse na descoberta dessas bruxas, feiticeiras, ou encantadas, como quer que se lhes chame”⁷. Este desejo do jornal era posterior ao primeiro incidente de Anna Formiga, em que estavam envolvidos também

⁶ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25/09/1901, p.02.

⁷ *Diário da Tarde*, Curitiba, 10/05/1899, p.01.

um cabo do exército e sua esposa. Segundo o jornal, a bruxa teria disposto em frente à residência do casal “um pires de sal, um cigarro, duas moedas de 10 réis e um coração de cêra enleado em retroz pardo”, façanha que teria feito com que a esposa do cabo adoecesse. A maneira com que Formiga foi referida na primeira nota que rendeu é uma evidência da rede moral do *Diário da Tarde*:



Figura 3.⁸

“Anna Formiga é o nome da mulher que **diz ter relações** com Satanaz, cuja vontade domina. É moradora à Rua Dr. Pedroza. Em noite passada, teve uma questão com um cabo do 13º regimento de cavalaria e jurou vingar-se. ...” (grifos meus). Além de utilizar de ambigüidade para designar a maneira com que Anna Formiga supostamente via a entidade supracitada, o periódico publicizou o endereço da mulher que, como Baquiano, era uma residente do Umbará desassociada do círculo da ervamate. Ou seja: além de diferir do perfil dos moradores da região, Anna Formiga foi ativamente entregue à hostilidade simbólica de uma espécie de opinião pública. Esta é uma evidência do deslocamento da luta de classes, como diz Borges (2007), do campo da política para o da cultura.

Johnni Langer investigou, principalmente, quatro modalidades de atividade mística em Curitiba na época do *Diário*: curandeirismo, cartomancia, feitiçaria e quiromancia. Diz que esta última experimentou um período de prestígio na elite curitibana, de 1920 a 1936 (1991, p.77), já que nesta época os quiromantes eram apresentados como “cientistas e professores”, e “atendiam a negociantes, intelectuais e artistas”, a elite residente do centro da cidade.

De fato, esta modalidade foi melhor aceita pelo periódico e pela população, como é possível constatar a partir da figura abaixo, um anúncio na capa do *Diário* de um consultório de quiromancia vizinho da redação do jornal.

⁸ Diário da Tarde, Curitiba, 08/05/1899, p.01.



Figura 4⁹

Outros jornais, como a Gazeta do Povo, faziam referência a pessoas ilustres ora quiromantes ora clientes destes (Langer, 1992, p.77). As práticas ocultas da elite, diferentes da bruxaria, do curandeirismo, da cartomancia e das religiões afro-brasileiras, figuravam nos jornais muito mais como fontes do que personagens de matérias sensacionais. Dentro do espiritismo kardecista, por exemplo, saíram fontes para o *Diário da Tarde*.

Sobre o caso do assassinato de uma garota de 14 anos chamada Medusa, em Entre Rios, município do estado de Santa Catarina, ocorrido em maio de 1934, foi escrito numa matéria de capa:

“Pessoa muito relacionada e que se entrega a estudos sobre espiritualismo, narrou hoje à nossa reportagem, um fenômeno em que fora parte. No decorrer desta noite, teve a seguinte visão: - Estava agarrando pela gola o assassino de Medusa. E interrogava-o. (...) A visão foi clara e o nosso informante pôde registrar os seguintes sinais do assassino (...) Esses sinais combinam com os de certo indivíduo em cuja pista se acham a polícia e a nossa reportagem! Tratar-se-á de um sensacional fenômeno espírita?”.

⁹ Diário da Tarde, Curitiba, 16/07/1933, p.01.



Figura 5¹⁰.

O teor especulativo da notícia, fortemente embebido de uma estratégia sensacionalista, é um reflexo da postura dos seus leitores. E ainda, através de uma especulação chocante que permeia casos de assassinato e o sobrenatural, o jornal pratica, muito mais que comunica voluntariamente, a distinção entre alta e baixa prática mágica. O vidente espírita, munido de capital simbólico providenciado pelo discurso do jornal – descrito como uma “Pessoa muito bem relacionada que se entrega aos estudos sobre espiritualismo” - tem uma posição social bem distinta das bruxas e curandeiros.

Poty Lazzarotto, artista plástico paranaense de prestígio internacional, publicou no *Diário da Tarde* uma história em quadrinhos com 6 capítulos quando tinha 14 anos, em 1938. Mais tarde, Poty tratou de questões sócio-econômicas nos seus trabalhos com pintura e gravura. Se levarmos em consideração, portanto, a situação limiar desta publicação no sentido de que ela representa melhor a classe média do que a elite em si, a partir do apelo dela podemos ter uma boa idéia do esquema simbólico que se consolidou com o amadurecimento da imprensa paranaense até a metade do século XX.

Citando Bartolomé Benassar, Laura de Mello e Souza diz que a Inquisição foi “o melhor auxiliar de Leviatã” na consolidação do aparelho de Estado na península Ibérica. O processo de negação da identidade alheia, da difamação dela, ou ainda da tentativa de dizimá-la é nada menos que uma evidência de embate. Em detrimento de uma postura afirmativa, a perseguição e a difamação são estratégias de disputa por sentido evidentemente hegemônicas, pois dependem de um *habitus* sólido e previamente estabelecido para que sejam exercidas.

Bibliografia:

AUSTIN, J.L. Como hacer cosas con palabras. Barcelona: Paidós, 1998.

¹⁰ Diário da Tarde, Curitiba, 24/05/1934, p.01.



BATISTA, Vera Malagutti . O Medo na Cidade do Rio de Janeiro. Editora Revan: Rio de Janeiro, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____ A Distinção: critério social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007

BARBOSA, Maria Alejandra Gonçalves Vera. Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1899-1912) Discurso e representação no Diário da Tarde. Dissertação de Mestrado do curso de História da UFPR. (2001)

BORGES, Wilson C. Podem as sensações direcionar a recepção? In: V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, SP. 2007.

_____ Ordem jurídica e imprensa sensacionalista: o papel das sensações na construção do imaginário. In: VI Encontro Internacional do fórum Mercosul, Aracajú, SE. 2007.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. Undoing Gender. New York, Routledge, 2004

ENNE, Ana Lúcia. O sensacionalismo como processo cultural. Eco-Pós (UFRJ), v. 10, p. 70-84, Rio de Janeiro, RJ. 2007.

HALL, Stuart e Du Gay, Paul. Questions of cultural identity. SAGE, 1996.

LANGER, Johni. Feitiçaria em Curitiba: discurso e cotidiano, 1889-1945. Monografia de Bacharelado em História pela UFPR. Curitiba, PR. 1992.

MARCHETTE, Tatiana Dantes. Umbará: o bairro na história da cidade. Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba, PR. 1996.

MELLO E SOUZA, Laura. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Companhia das Letras. São Paulo, SP. 1995.

Miskolci, Richard . A Teoria Queer e a Questão das Diferenças. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas : ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. 1. p. 1-19.

SILVA, Tomas Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Hathryn. Identidade e Diferença: s perspectiva dos Estudos Culturais. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2005.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Gilberto. O fenômeno urbano. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, RJ. 1979.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”, in CHERNEY, Leo e SCHWARTZ R. (org.) O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2001

ZANON, Marcos Afonso e BRUNETTI, Marcelo Correia. Umbará: gentes, vida e memória. Fundação Cultural de Curitiba. Curitiba, PR. 1984.